

Linguagens, Transculturalidade e Tradução: tramas e trânsitos entre linhas de pesquisa

Daniela Palma
Érica Lima
Viviane Veras

DOI 10.52050/9786586030617.c7

Nas tramas da Linguística Aplicada

Passados 50 anos da abertura do primeiro programa de pós-graduação, a nomeação *Linguística Aplicada* ainda reproduz alguns embaraços. De início, o processo de adjetivação reserva à linguística *aplicada* um terreno aparentemente delimitado como um campo de testes para teorias linguísticas. Contudo, foi precisamente esse vínculo ao ensino de línguas nacionais e estrangeiras, às interações em salas de aula, à formação docente que levou suas pesquisadoras, em um primeiro momento, a problematizarem essa transposição de conhecimentos para formatos metodológicos adequados às análises de casos e, em seguida, a recorrerem a diferentes áreas de investigação que lhes permitissem tramar sua rede de rumos e suas próprias cartas de marear.

Neste capítulo de apresentação de uma linha de pesquisa – “Linguagens, Transculturalidade e Tradução”¹ –, como sistematizar criticamente sua

1 Este texto apresenta a proposta das autoras para a linha “Linguagens, Transculturalidade e Tradução” e a maneira como organizam suas pesquisas e práticas de orientação e ensino. Em outros capítulos deste volume, podem aparecer direcionamentos epistemológicos e metodológicos distintos para o trabalho dentro dessa linha de pesquisa.

trajetória sem fazer dela o relato do que (se) acumulou com o passar do tempo? Como evitar a exposição de produtividade institucional que ao mesmo tempo em que fomenta os resultados serve também para empobrecê-los, uma vez que a listagem os descontextualiza? Em que ponto do relatório dos sucessos dar lugar às falhas, às contingências, precisamente aquelas que podem trazer – e trouxeram e trazem – algo de novo para as linhas de pesquisa? Em que escala projetar uma cartografia que não caia no mapa dos geógrafos borgianos e que seja apenas “suficientemente boa”?

Por ora, parece-nos um bom ponto de partida fazer ressoar a convocação de Luiz Paulo da Moita Lopes (2006) à guinada *indisciplinada*, à aventura da pesquisa... apesar dos *tempos sombrios*. A proposta de uma aventura, convém sublinhar, não autoriza a ausência de rigor, o abandono do saber sistemático, o diálogo necessário com os saberes da tradição. E é na trama desses saberes que essa nova linha de pesquisa se insere como acontecimento, ou seja, não em função de uma teleologia, mas como uma possível forma de fabular outros dispositivos de acolhimento e abertura para a alteridade como um passo fundamental para a sobrevivência do pensamento crítico, para novas leituras do mundo.

“Linguagens, Transculturalidade e Tradução” dispõe-se a repensar o que se articula com esse *trans-* que atravessa linhas, transpõe fronteiras, traduz diferenças, transita entre linguagens e culturas, transforma-se, traveste-se. Se, por um lado, a exigência desse *trans-* estabelece um fundamento, uma partilha, por outro lado, obriga-nos a pensar esse fundo comum como aquilo que jamais se escreve como *em comum*, precisamente porque tais relações implicam sempre a tensão das assimetrias.

Trânsitos históricos

A linha “Linguagens, Transculturalidade e Tradução” é resultado, principalmente, da fusão de duas linhas que vinham sendo desenvolvidas paralelamente desde a criação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPG-LA). Credenciado no mestrado em 1987 e no doutorado em 1993, o programa tem passado por reformulações e reinvenções,

sempre com o intuito de desenvolver pesquisas que abordam diferentes usos da linguagem, de acordo com perspectivas teórico-metodológicas socialmente relevantes para o momento histórico. As principais linhas que deram origem à atual foram: “Linguagem, Cultura e Interação em Contextos Institucionais” e “Teoria e Ensino de Tradução” (de 1991 a 2004); “Língua, Tradução e Cultura”, “Escolarização em Contextos Bilíngues/bidialectais” e “Subjetividade e Identidade, Desconstrução e Psicanálise (de 2005 a 2011); “Linguagem e Tradução” e “Linguagens, Culturas e Identidades” (de 2012 a 2020).

Na linha “Linguagem, Cultura e Interação em Contextos Institucionais” (1991-2004) foram desenvolvidos projetos, dissertações e teses que abrangiam desde questões de interação em contextos diversos de sala de aula até estudos de/sobre identidades sociais, envolvendo diferentes espaços de linguagens híbridas, tais como comunidades indígenas, surdas, rurais, contextos bilíngues incluindo línguas diversas, como alemão, espanhol, francês, guarani, inglês. Também foram trabalhadas questões transculturais e/ou interétnicas, antologias bilíngues, memória discursiva, currículo e práticas letradas, pedagogias críticas no ensino de línguas e na formação de professores, em pesquisas desenvolvidas e orientadas por vários docentes do programa, em especial por Carmen Zink Bolognini, Joanne Marie Busnardo, John Schmitz, Linda El-Dash, Maria José Coracini, Marilda do Couto Cavalcanti, Silvana Serrani, entre outros das demais linhas do programa.²

Uma das linhas de maior diálogo com essa foi “Teoria e Ensino de Tradução”, que trazia pesquisas sobre teorias de tradução diversas em campos então pouco explorados no Brasil, destacando a importância do questionamento e investigação de aspectos que ultrapassavam os clássicos modelos de análise técnica ou dados quantitativos a partir de cotejos de traduções. O programa foi pioneiro em escrever a “Tradução” como área de concentração da Linguística Aplicada, como lembra Cristina

2 Este capítulo não enfocará os trabalhos desenvolvidos por esses docentes pois estão contemplados em outros capítulos desta coletânea. As teses e dissertações desenvolvidas desde a criação do PPG-LA podem ser consultadas no acervo digital do IEL: <https://www.iel.unicamp.br/br/content/biblioteca-digital-iel>.

Carneiro Rodrigues (2013, p.59), acrescentando que apenas a partir de 2000 houve a institucionalização da pós-graduação em tradução no país. Foram desenvolvidos trabalhos que não se furtavam à discussão de temas polêmicos de diversas áreas, abrangendo desde literatura até psicanálise, passando por tradução audiovisual até tecnologia, sempre sustentados em análises críticas que expõem a influência da tradução em qualquer leitura, bem como o envolvimento inevitável do tradutor no processo de tradução. Os estudos desenvolvidos foram considerados de ponta, sobretudo com o trabalho de Rosemary Arrojo (1986; 1992; 1993) e Paulo Roberto Ottoni (1998; 2000), docentes do programa.³

A linha foi substituída por “Língua, tradução e cultura” (2005-2011), que deu prosseguimento ao trabalho iniciado anteriormente, com ênfase em dissertações e teses que estudaram tanto a tradução de/em Derrida quanto teorias de tradução e análises de práticas tradutórias, enfocando múltiplos aspectos da área (tradução e transformação; tradução e transferência; tradutor-autor; texto original e texto traduzido). Entre os trabalhos desenvolvidos no período, destacamos o projeto “Traduzir Derrida”, que deu origem a uma coletânea de mesmo nome (OTTONI; FERREIRA, 2006, p.9), com a contribuição de renomados estudiosos e pós-graduandos do programa, e o dossiê “Tradução/Desconstrução: enigma e apropriação da língua”, publicado na revista *Trabalhos em Linguística Aplicada* (2007), com a última tradução de Derrida assinada por Paulo Ottoni e artigos sobre a tradução como lugar de reflexões sobre a língua, autoria e constituição de sentidos⁴. Nas palavras de Marcos Siscar (2013, p.188), “diferentemente de situações teóricas de outros países, onde a leitura de Derrida se estabeleceu sobretudo em departamentos de literatura, no Brasil, é a tradução que mais recentemente parece ter tomado em mãos essa tarefa”.

Também na reformulação de 2005, os estudos concentrados anteriormente na linha “Linguagem, Cultura e Interação em Contextos

3 De 1991 a 2004, foram defendidos mais de 30 trabalhos na linha de pesquisa, por pesquisadores que atuam ou atuaram em várias universidades no país e no exterior, alguns dos quais foram transformados em livros, como Frota (2000) e Rodrigues (2000).

4 De 2005 a 2012, houve uma queda na quantidade de dissertações e teses devido à aposentadoria da professora Rosemary Arrojo (2003) e ao falecimento do professor Paulo Ottoni (2007).

Institucionais” foram desmembrados em outras linhas, das quais destacamos “Escarlarização em contextos bilíngues/bidialetais” e “Subjetividade e identidade, desconstrução e psicanálise”, que reuniam pesquisas de caráter transdisciplinar, também retomando trabalhos anteriores, como o projeto Antologias, Discurso e Práticas Letradas, da professora Silvana Serrani⁵. A primeira linha abrangia sobretudo estudos sobre cultura e identidade em contextos transculturais (bi-pluri-multilíngues e bidialetais), políticas linguísticas e contextos sociolinguisticamente complexos (indígenas, imigrantes, fronteira), além de representações de gênero, raça, surdez. A segunda linha englobava projetos e pesquisas sobre construção de sentidos na literatura, artes e música, psicanálise, estudos interculturais, discurso, inclusão, identidade e memória, além de investigações sobre formação e atuação de professores em contextos e para grupos diversos.

Em 2012, o programa passou por nova reformulação, e as linhas “Linguagem e Tradução” e “Linguagens, culturas e identidades” substituíram as anteriores e permaneceram até 2020. A primeira tinha como ênfase o estudo de teorias de tradução e análises de práticas tradutórias e a segunda enfocava questões culturais e identitárias.

O próprio título “Linguagem e Tradução” reflete a multiplicidade de perspectivas em um movimento e reafirma a tradução como acontecimento. As pesquisas de quase uma década abrangem desde a importância da tradução para viabilizar o acesso a conhecimentos em geral até a análise da intervenção transformadora do tradutor como agente de mediação cultural. Há um entrecruzamento explícito entre prática e reflexão teórica e é enfatizada a concepção do traduzir como transitar por territórios (de) outros, revelando as diferenças e o transbordamento de línguas e culturas. Nessa esteira, de um lado são desenvolvidas pesquisas sobre lugares de visibilidade do tradutor mais e menos tradicionais, como paratextos e ciberespaço (por exemplo, LIMA, 2018b; 2019); de outro, são estudadas questões de bilinguismos, hibridismos e fronteiras, dando lugar a dissertações e teses que examinam a tradução de e para línguas até então não contempladas no programa, como romeno, sânscrito e chinês.

5 Disponível em: <http://www.antologiasediscurso.iel.unicamp.br/index.html>

Apesar da amplitude de temas e autores que fundamentam as análises, algumas características continuam a perpassar os estudos da área: a resistência a uma suposta metodologia de pesquisa que desconhece os limites impostos pelo processo tradutório a determinadas sistematizações, e à definição de tradução como transposição de informações. Não se trata de controlar o que ocorre com a tradução; pelo contrário, o que se busca mostrar é pontualmente o que escapa, o que sobra e como as escolhas (de teóricos, de dados, de trajetos) determinam cada pesquisa, articulando epistemologicamente os estudos da tradução e estudos de literatura, antropologia, ciências sociais, etnografia, filosofia, psicanálise, para citar alguns. Respondendo a demandas sociopolíticas emergentes, são incentivadas e desenvolvidas pesquisas que mostram a relação da tradução com os problemas contemporâneos⁶.

Esse diálogo entre diferentes áreas acaba por mostrar o cruzamento com a linha “Linguagens, culturas e identidades”, responsável, no período, pelo desenvolvimento de trabalhos que examinam diversidades étnicas e linguísticas, trazendo à tona questões ideológicas e de direitos humanos⁷. As investigações voltam-se para minorias linguísticas e formas de resistência à ideologia linguística hegemônica, trazendo conceitos como identidade cultural (HALL, 2002; BHABHA, 1998) e questionando concepções monolíngues nas quais se baseiam muitas políticas linguísticas. Além disso, a linha engloba análises de narrativas e de objetos de expressão artística variados, sobretudo com o objetivo de dar voz a grupos desprivilegiados, respeitar as diferenças e contribuir para o diálogo intercultural e plural (por

6 Com a contratação de Viviane Veras, em 2007, e Érica Lima, em 2015, a área volta a ser procurada e no período de 2012 a 2020 são defendidas 34 dissertações e teses, duas a mais que no período de criação da área, demonstrando a representatividade e importância da pós-graduação na área de estudos da tradução no país. Todos os trabalhos estão disponíveis em formato digital no Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp.

7 Destacamos, aqui, os trabalhos desenvolvidos e orientados pelas professoras Marilda do Couto Cavalcanti (aposentada em 2013 e, desde então, professora colaboradora do PPG-LA), Terezinha de Jesus Maher (aposentada em 2020) e Daniela Palma (admitida em 2013) pela aderência com os trabalhos da linha Linguagem e Tradução. No período de 2012 a 2020, foram defendidas nessa linha 37 dissertações e teses, que estão disponíveis em formato digital no Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp.

exemplo, PALMA, 2015; 2017; 2020). Assim, de um lado, são desenvolvidas pesquisas que enfatizam a interculturalidade, o plurilinguismo, as diversidades linguísticas em contextos indígenas (por exemplo, MAHER, 2016; 2018a; 2018b); de outro, fica cada vez mais evidente o diálogo entre essas questões e a tradução, especialmente com o estudo de contextos bilíngues, migratórios e de fronteiras e o papel do intérprete de LIBRAS. Alguns exemplos dessa preocupação social e desses entrelaçamentos podem ser observados em Veras (2011; 2013; 2018) e Silva e Palma (2018).

Dessa forma, com o passar dos anos, passou-se considerar a fusão das duas linhas, que ocorreu em 2020, surgindo a linha “Linguagens, Transculturalidade e Tradução”, cujo objetivo é explorar caminhos para abordagens transculturais dentro da pesquisa em linguística aplicada, por meio do estímulo ao diálogo entre diversos saberes sobre as linguagens e suas práticas.

Entre linhas: Transculturalidade e Tradução

A linha de pesquisa funda-se na compreensão da transculturalidade como a dinâmica que explica a produção da diversidade e a chave-mestra para a compreensão de fenômenos e processos sociais na contemporaneidade e no entendimento da tradução como um campo de investigação cuja complexidade revela uma série de conflitos gerados não só pela diferença de línguas e culturas, mas também de identidades e perspectivas nelas envolvidas.

O sentido de transculturalidade estabelece uma ruptura com visões homogeneizantes e separatistas sobre culturas – como categorias “puras” em termos simbólicos, linguísticos e epistemológicos –, e permite pensá-las como *misturas* e *permeações* (WELSCH, 1999) capazes de criar lugares de circulação de desejo. Para Wolfgang Welsch, os modos de vida não são contidos pelas fronteiras nacionais, mas se constituem nos atravessamentos resultantes das migrações e das interpenetrações dos sistemas de comunicação materiais e imateriais por todo o mundo, assim como são

várias as identidades culturais que nos perpassam e atuam na constituição de nossos *selves*.

A abordagem da tradução também rompe com temas que se repetem: fidelidade, equivalência, aculturação, estrangeirização, transparência, invisibilidade e traz para a discussão a pluralidade linguística e cultural interligada com o poder e a influência da tradução, além questões de identidade, subjetividade, responsabilidade e criatividade constituintes de cada tarefa do tradutor. A tradução, nesse sentido, também é caracterizada por intervenções e subversões, contribuições e trocas que ocorrem em diferentes contextos político-ideológicos.

A linha de pesquisa Linguagens, Transculturalidade e Tradução propõe, nesses caminhos, um fazer epistemológico marcado por conexões, montagens e interpenetrações de fontes múltiplas, entendendo a linguística aplicada como uma *transdisciplina*. Esse hibridismo disciplinar opera a partir de teorias e conceitos tramados e tensionados entre estudos culturais, intermedialidades, memória, antropologia cultural, antropologia linguística, estudos de narrativa, literaturas, filosofia da linguagem, semiótica, psicanálise, gênero e discursos. Também se apoia no incentivo a atitudes epistemológicas que promovam a circulação entre saberes canônicos e não canônicos que permitam que as pesquisadoras e os pesquisadores interpelem e ao mesmo tempo se deixem interpelar por seus objetos e sujeitos de pesquisa.

Nesta proposição geral do trabalho investigativo sobre as dinâmicas de fabricação da diversidade sociocultural, a linha prioriza parâmetros teórico-metodológicos que enfatizem os processos de mobilidades e trânsitos e se disponham à complexidade nos usos da linguagem e em suas implicações na vida social. Entre as texturas e as práticas do multilinguismo – atentas aos fluxos migratórios coloniais na compreensão da produção da diversidade linguística e cultural – e os desdobramentos que amplificaram o sentido dos trânsitos no contexto de globalização contemporânea, projetam-se “ambientes sociocomunicativos complexos e redes de mobilidades de pessoas, de formas e modalidades semióticas e de significados” (BLOMMAERT, 2014, p. 245). A transculturalidade pede abordagens que considerem a dinâmica das mobilidades (como um gesto de atenção aos

fluxos migratórios “entre culturas”), e que também perceba a diversidade como “consequência de diferenciações internas e da complexidade das culturas modernas” (WELSCH, 1999, p. 197). Essa marca de uma passagem epistemológica da mobilidade para a complexidade, como propõe Blommaert (2014), pode ser entendida como uma busca metodológica por caminhos ou itinerários de interpretação que permitam ler, em textos e em práticas discursivas, trânsitos entre sistemas culturais instáveis e incompletos, em constantes transformações por forças internas e externas, como também por movimentos históricos situados (pensados em diversas historicidades e temporalidades).

As ênfases, dentro da linha descrita neste texto, sinalizam as perspectivas do trabalho que se pretende estimular. A divisão em três blocos, dispostos a seguir, mais do que demarcar separações temáticas ou subcampos disciplinares, pretende apresentar caminhos possíveis de pesquisa, entre os quais espera-se observar diversos tipos de trânsitos e fusões.

Na organização das pesquisas que se pretende acolher e estimular nesta linha, podemos pensar em um primeiro bloco em que a transculturalidade é entendida pelo estudo de entrelaçamentos, misturas, permeações e trânsitos entre línguas, linguagens e mídias na constituição de produtos e práticas culturais contemporâneas. As múltiplas dinâmicas de hibridizações e mobilidades nas formações de recursos comunicativos são o interesse dentro desta ênfase. O estudo das atividades de derivação e mescla linguística, semiótica, textual e midiática pode ser descrito por meio de diferentes enquadramentos conceituais como intertextualidade (SAMOYAULT, 2008), transtextualidade (GENETTE, 1982), dialogismo (BAKHTIN, 1997), intermedialidades (RAJEWSKY, 2010), práticas transidiomáticas (JACQUEMET, 2005), entre outros construtos. Todas essas noções guarda-chuva acionam compreensões dos processos que produzem híbridos em linguagem, seja por confluências de vozes, cadeias citacionais, dinâmicas translíngues, relações de adaptação e imitação, transformações e deformações, comentários, explicações, exercícios composicionais e de montagem, referências, remediações etc.

A tradução alinha-se à transculturalidade e é estudada como uma prática que responde às tentativas de estabelecer equivalências entre culturas ou

línguas com a proposta de um movimento transcultural complexo e sempre inacabado de construção de significações.

Em perspectiva pós-colonial, Homi Bhabha (1998, p. 241) observa que o sentido de cultura só pode ser compreendido como transnacional e tradutório, pois “os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural”, juntamente como as “ambições territoriais das tecnologias ‘globais’ de mídia”. Assim, abre-se um campo que propõe tanto refletir teoricamente sobre as dimensões da tradução, como estudar suas práticas e produtos em diversas esferas da produção discursiva, indo além das clássicas relações categorizadas como intralinguísticas, interlinguísticas e intersemióticas (JAKOBSON, 1995). Possibilita, portanto, pensar a tradução para além dessas marcações estritas de línguas ou linguagens, no interesse de abordar as circulações entre experiência e discurso, trauma e narrativa, masculino e feminino, entre outros trânsitos que projetam o tradutório em espectro político e/ou psicanalítico. Como foi colocado desde a criação do Centro de Pesquisa Em Tradução,

Nesse contexto, não obstante ser possível remeter a Cícero (séc. I a.C.) a discussão sobre o que é preciso levar em conta no ato tradutório (traduzir com “palavras adequadas a nossos costumes”), mostrando que a relação domesticação e estrangeirização já estava presente há dois mil anos (o que faz dela algo banal), é pertinente perguntar a razão do interesse cada vez maior e, por que não dizer, onipresente, de pôr em cena projetos que trabalham a natureza híbrida das culturas, ao mesmo tempo em que se tornam necessárias tentativas de redefinir culturas nacionais frente às prementes solicitações do mercado globalizado e de sua ação normalizadora.⁸

Na questão das políticas da diferença, é importante ainda destacar o interesse por pesquisas em práticas tradutórias socialmente orientadas, que buscam compreender a complexidade linguística e semiótica nas

8 Em 2007, foram criados os Centros de Pesquisas (Deliberação. N. 122/2007 da Congregação do IEL). A criação do Centro de Pesquisa *em tradução* foi aprovada na 165ª Reunião da Congregação, em 2010. Documentação disponível em <http://www.iel.unicamp.br/pesquisa/arquivos/CIPTraducao.pdf>

diversas formas de construção de acesso cultural e sensorial voltado a grupos minoritários ou desprestigiados, como a interpretação comunitária e os estudos em acessibilidade comunicacional.

A pesquisa em intermedialidades assinala o interesse na pesquisa sobre cruzamentos midiáticos, articulando a linguística aplicada com as áreas da comunicação, dos estudos interartes e da literatura comparada. Dentro da proposta nesta linha, os fenômenos em intermedialidades são abordados para o estudo dos processos de hibridização comunicativa em culturas contemporâneas, considerando as esferas produtivas, de circulação e de recepção. O midiático contemporâneo, nesta proposta, não se fixa a compreensões de “novas mídias” ou “novas tecnologias”, mas a fusões e processos em que materialidades semióticas e tecnológicas são estudadas além da dimensão discursiva, abrangendo relações de combinação intracomposicional, transposição de mídias e referenciação (simulações) em sentidos sincrônico e diacrônico.

Um segundo bloco de interesses de pesquisa dentro desta linha propõe se debruçar sobre o estudo das dinâmicas transculturais no plano de construções subjetivas e de identidades sociais. Welsch explica que a percepção de nossa transculturalidade interna nos torna mais aptos a lidar com a externa; assim pensar, por exemplo, em compreender que o “ódio dirigido a estrangeiros (...) é basicamente ódio projetado a si mesmo” (WELSCH, 1999, p. 201) permite ler processos de misturas e permeações nas formações das subjetividades e das alteridades. Esses trânsitos entre internalidades e externalidades são transpassados e alinhavados por textos de diversas naturezas discursivas, antropológicas e semióticas, sobre os quais o olhar de pesquisa pode ser capaz de construir itinerários interpretativos para ler movimentos de estranhamentos e familiaridades.

Uma concepção transcultural de sujeito trabalha com a ideia da multiplicidade em si (NIETZSCHE, 2005), das possibilidades de fabulação do *eu* (DERRIDA, 1992), dos descentramentos identitários (HALL, 2002) e da capacidade de se formar pragmaticamente das/nas interações (WITTGENSTEIN, 1953), entendendo que a subjetividade é um processo de construção ativa. A memória é uma das atividades principais a atuar nesse processo e se configura como um dos interesses dentro desta ênfase de

pesquisa. Seu terreno principal é o da narrativa que, como aponta Barthes (1971), seja talvez a mais transcultural das formas de pensamento, dando indexação temporal – como confluência de tempos – às identidades individuais e coletivas (ASSMANN, 2008). Assim, é interesse acolher e promover estudos sobre as práticas e os produtos memorialísticos individuais (de texturas mais autobiográficas) e coletivos – tanto em termos comunicativos (em dinâmicas mais difusas, formadas nas interações e no cotidiano), quanto institucionais (de caráter usualmente mais diglósico, mas entendendo a complexidade dentro dos processos de institucionalização) – ou, o mais esperado, em entrelaçamentos desses diferentes níveis (ASSMANN, 2008). Destacam-se, nesse eixo de abordagem, os processos de memória, interdição e reinscrição de indivíduos e grupos sob constantes ameaças de esquecimento e silenciamento. É também incentivada a pesquisa que explore as potencialidades pedagógicas do exercício da narrativa e da memória, não apenas no âmbito escolar, mas em diferentes contextos e agências de letramento.

O olhar para a formação de subjetividades pede uma postura interpretativa ativa das pesquisadoras e dos pesquisadores, atenta às formas da reflexividade dos sujeitos (individuais e coletivos) pela observação de seus modos de enunciação e performatividade, das práticas e interações envolvidas, das mobilidades entre textos e discursos sociais (por cadeias citacionais, derivações ou confluências), das feições fragmentárias das narrativas cotidianas, das percepções temporais e espaciais, das ideologias que atravessam as formações subjetivas, da reprodução de modelos persistentes e das novas criatividade.

O caminho de compreensão das subjetividades é também o que permite refletir sobre as construções de representações de alteridade e as práticas de hospitalidades. Assim, as relações eu-outro(s), em suas várias materializações, compõem o tecido dos estudos que se propõem a ler os processos de construção discursiva da subjetividade como tópico do estudo da diversidade cultural.

O terceiro bloco que demarcamos dentro da linha de pesquisa tem como interesse estudar temas de política contemporânea na interface da linguagem. Welsch aponta que alguns problemas contemporâneos

– sintetizados, por exemplo, em “debates sobre os direitos humanos, [n] os movimentos feministas ou [n]a consciência ecológica” (1999, p. 197) – espraiam-se e passam a funcionar como elementos de mobilização que transpassam fronteiras culturais. Assim, mais do que meros recortes temáticos, a proposta é compreendê-los como ordens discursivas que funcionam como forças de engajamento para a transformação social e política. Essas forças têm abrangência global, mas, por meio delas, é possível também olhar para o que é local, em toda a sua complexidade.

Os direitos humanos são, assim, enfatizados como uma dessas ordens discursivas, de consistência transcultural, que condensa em si uma multiplicidade de temas e proposições referentes a questões de universalidade e de políticas da diferença. Os direitos humanos funcionam como uma chave para pensar o contemporâneo, principalmente, no tocante à ideia de que as formulações institucionais irrompem, de maneira bastante abrupta, na vida cotidiana. Essa ênfase de pesquisa teria, então, o interesse em estudar a produção discursiva em âmbitos do direito, das textualidades oficiais, dos dispositivos institucionais que atuam na disciplinarização dos corpos e na construção dos preconceitos e da exclusão. Por dentro das esferas institucionais, é também possível buscar ler as demandas e os embates que provocam movimentações em busca de construir políticas de inclusão e acolhimento, de justiça de transição e de processos de reinscrição, entre outros instrumentos de reparação e democratização. Os direitos humanos podem também ser pensados fora das esferas institucionais, como um sistema de significação mais amplo, não formalizado, que atuam em práticas e produtos culturais dispersos. De forma abrangente, a proposta é refletir sobre essa ordem discursiva no plano se sua formalização temática (na verdade, de um amplo conjunto de temas de direitos humanos) e, também, na sua dimensão imaginária, em formas culturais que afetam e são afetadas por sentimentos sociais de reconhecimento e estranhamento e por feixes de temporalidades.

Pretende-se, então, por meio de pesquisas nesse recorte de linha, pavimentar caminhos transdisciplinares para pensar os processos de produção de imaginários que operam, no plano das linguagens, nos movimentos de estabilização e desestabilização identitária, nas lógicas de

formalização institucional, nos sentimentos sociais, nas políticas sobre os corpos e nas estratégias e táticas resistentes. O estudo dos direitos humanos no “tecido das linguagens” apontaria não para a leitura de enunciados como organismos fechados e acabados em si, mas na mobilidade por sistemas sociais e culturais complexos, tomando as formas textuais como ato e potência. Desfolha-se também o interesse em tentar observar como as linguagens calam: as questões de direitos humanos observadas na dimensão do implícito, do não dito, das línguas não ouvidas, das vozes emudecidas. Metodologicamente, abre espaço para buscar possibilidades de deixar as instâncias formuladas e não-formuladas que sustentam (ou violam) os direitos humanos se penetrem, mutuamente, esgarçando seus próprios limites.

Atualmente, a linha conta com dois grupos de pesquisa que funcionam como espaços de contato e interação de pesquisadores da Unicamp e de outras universidades brasileiras e do exterior. O grupo “E por falar em tradução” tem por foco de interesse o trabalho com teorias e práticas de tradução de diversas áreas, abrangendo tradução audiovisual, textos especializados, textos literários, entre outros, além do trabalho com a formação de tradutores e educadores de tradução. Desde 2010, o grupo promove eventos bianuais que são oportunidades de discussão e de formação, por meio de mesas, palestras e oficinas com convidados nacionais e internacionais. O grupo “Nós-Outros: Linguagem, Memória e Direitos Humanos” propõe reunir “pesquisadores que estudam a linguagem nas dimensões das subjetividades, das identidades sociais e da política, por uma perspectiva intercultural e transdisciplinar”. Ambos estimulam o desenvolvimento de pesquisas coletivas e de ações de extensão em tradução, na produção de materiais voltados à educação e em outros tipos de atividades atuação comunitária (LIMA, 2018a; LIMA e PIMENTEL, 2020; PALMA, 2019)⁹. Desde o início (e até hoje), as produções de pós-graduandos do programa encenam na linguística aplicada o caráter entredisciplinar das pesquisas em transculturalidade e tradução.

9 Mais informações em: <https://www2.iel.unicamp.br/eporfalaremtraducao/> e <https://www2.iel.unicamp.br/nosoutros/>.

Referências

- ARROJO, R. *Oficina de tradução*. (1986/2007). A teoria na prática. São Paulo: Ática.
- ARROJO, R. (org.) *O signo desconstruído*. (1992) Campinas: Pontes.
- ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. (1993) Rio de Janeiro: Imago.
- ASSMANN, J. (2008). Communicative and Cultural Memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, A. (ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: Walter de Gruyter. p. 109-118.
- BAKHTIN, M. (1997) *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Emsantina G.G.Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- BARTHES, R. (1971). Introdução à análise estrutural da narrativa. In: _____ et al. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. Petrópolis: Vozes. pp 19-60.
- BHABHA, H.K.(1998) *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG.
- BLOMMAERT, J. (2014). From mobility to complexity in sociolinguistic theory and method. *Tilburg Papers in Culture Studies*, Tilburg, n. 103, p. 242-259.
- DERRIDA, J. (1992) Il faut bien manger ou Le calcul du sujet. In: *Points deuspension: Entretien*. Paris: Galilée.
- FERREIRA, E.P. (org) (2007). Homenagem a Paulo Ottoni. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: São Paulo, Especial.
- FROTA, M. P. (2000) *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise*. 1. ed. Campinas e São Paulo: Pontes e FAPESP.
- GENETTE, G. (1992) *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil.
- HALL, S. (2002) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- JACQUEMET, M. (2005). Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. *Language & Communication*, San Francisco, v. 25, p. 257-277. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2005.05.001>
- JAKOBSON, R. (1995) Aspectos linguísticos da tradução. In: *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- LIMA, E. (2018a) *Diversas Faces da Tradução na Contemporaneidade*. vol.1, 1. ed. Campinas: Pontes Editores.
- LIMA, E. (2018b). Teaching Translation in Brazilian Universities: A Study about the Possible Impacts or Translator's Comments on the Cyberspace about Translator Education. *International Journal of Cognitive and Language Sciences*, v. 12, p. 1571-1754. Disponível em: https://zenodo.org/record/2022061#.YHw_cu9KjoA

LIMA, Érica. A web faz diferença: uma análise de recursos de visibilidade para o tradutor. In: Gasparini Bastos, S. D.; GALLI, Fernanda C. S.. (Org.). *Pesquisas em Linguística: questões epistemológicas e políticas*. 1ed. Araraquara: Letraria, 2019, v. 1, p. 55-71. Disponível em: <https://www.lettraria.net/pesquisas-em-linguistica/>

LIMA, E.; PIMENTEL, J. (coord.) (2020) *Our bodies, ourselves transformado mundialmente*: uma coleção de prefácios com traduções culturalmente adaptadas de *Our bodies, ourselves*. Campinas: Setor de Publicação do Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <https://www.iel.unicamp.br/sites/default/files/iel/publicacoes/OBOS.pdf>

MAHER, T. M. (2016). Do étnico ao pan-étnico: negociando e performatizando identidades indígenas. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Online), v. 32.2, p. 719-733.

MAHER, T. M.. (2018a) Políticas linguísticas e políticas de identidade em contexto indígena ? uma introdução. *TRABALHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA*, v. 57, p. 1297-1312.

MAHER, T. M. (2018b). Shifting Discourses about Language and Identity Among Indigenous Teachers in Western Amazonia in the Wake of Policy Change. In: CAVALCANTI, M. C e MAHER, T. M.. (Org.). *Multilingual Brazil: Language resources, identities and ideologies in a globalized world*. 1ed. New York/London: Routledge, p. 41-56.

MOITA LOPES, L.P. (org.) (2006). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola.

NIETZSCHE, F. (2005). *Além do bem e do mal ou Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

OTTONI, P. R. (org) (1998) *Tradução. A Prática da Diferença*. Campinas: editora da Unicamp e FAPESP.

OTTONI, P. (2000) A tradução da *différance*: dupla tradução e double bind. *Alfa. Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.45-58. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4278>

OTTONI, P. R. (2005) *Tradução Manifesta - double bind & acontecimento*. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP.

OTTONI, P. R.; FERREIRA, E. P. (2006) *Traduzir Derrida. Políticas e Desconstruções*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras.

PALMA, D. (2015). O arquivo de Didier: autobiografia, humanitarismo e imagem em *Le Photographe*. *Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n.3, p. 181-204. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.25.3.181-204>

PALMA, D. (2017). As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.51. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700510016>

PALMA, D. (coord.) (2019) *Oficinas de imaginação e escrita para a educação em direitos humanos*. Campinas (SP): Nós-Outros/Unicamp. Disponível em: <http://www2.iel.unicamp.br/nosoutros/wp-content/uploads/2020/01/Oficinas-de-imaginac%CC%A7a%CC%83o-e-escrita-para-a-educac%CC%A7a%CC%83o-em-Direitos-Humanos.pdf>

PALMA, D. (2020). O cotidiano, a quebrada e o sonho: a resistência pelo olhar na ação de um fotocoletivo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 59, n. 3, pp. 1862-1883.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/01031813816891620201014>

RAJEWSKY, I.O. (2010) Border Talks: The Problematic Status of Media Borders in the Current Debate about Intermediality. In: ELLESTRÖM, L. (org.). *Media Borders, Multimodality and Intermediality*. London: Palgrave MacMillan, p. 51-68.

RODRIGUES, C. C. (2000) *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP.

RODRIGUES, C. C. (2013) Os Estudos de Tradução nos programas brasileiros de pós-graduação. In: GUERINI, A.; TORRES, M.-H. C.; Costa, Walter Carlos (org). *Os Estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI*. Tubarão: Copiart, Florianópolis: PGET/UFSC, p. 51-69.

SAMOYAULT, T. (2008) *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rotschild.

SILVA, D. N.; PALMA, D. (2018) Direitos Humanos: perspectivas, mediações, práticas comunicativas - uma apresentação. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 2, p. 601-615. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138652964411831>.

SISCAR, M. (2013) *Jacques Derrida*. Literatura, Política e Tradução. Campinas: Autores Associados.

VERAS, V. (2011). Verdade em tradução: um testemunho da dor das palavras. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 50, p. 459-478. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200014>

VERAS, V. (2013) Quando traduzir é (re)escrever (um)a história: o papel dos intérpretes na Comissão da Verdade na África do Sul. *TradTerm*, São Paulo, v.21, p.257-282. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/59429>

VERAS, V. (2018). O corpo das mulheres em cenas de tradução e perdão na Comissão da Verdade na África do Sul. In: LOPES, A. C.; SISCAR, M.(org) *Pensando a política com Derrida. Responsabilidade, tradução, porvir*. São Paulo: Cortez Editora, p. 261-282.

WELSCH, W. (1999) Transculturality - The Puzzling Forms of Cultures. In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S. (ed.). *Spaces of Culture: City, Nation, World*. London: Sage, p. 194-213.

WITTGENSTEIN, L. (1953) *Philosophical Investigations*. Trad. G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell.